

 Pesquisa Rápida
na Edição de Hoje

 Ver


SECÇÕES

 1ª Página Destaque
Nacional Mundo
Espaço Público
Sociedade
Educação Ciências
Cultura Desporto
Economia Media
Local Lisboa Local
Porto Local Minho
Última Página Ficha
Técnica

SUPLEMENTOS

Mil Folhas

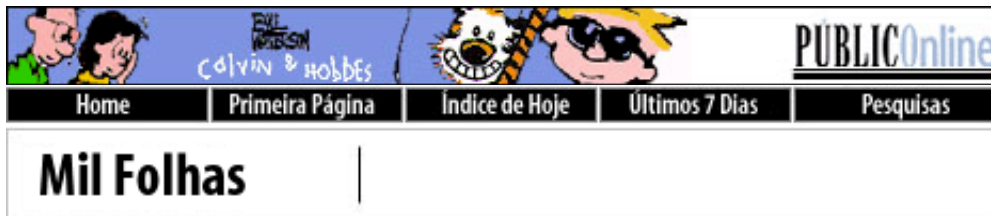
Fugas

Só Texto

Tempo

Calvin | Bartoon

Programação TV

 GUIA DO
LAZER


Mil Folhas

Miguel Leal Museu Fantasma

Sábado, 05 de Julho de 2003

Óscar Faria

No início do século XVIII, o Capitão Mission, pirata francês de renome, fundou, em Madagáscar, a Libertatia, uma colónia de onde foram abolidas a pena de morte, a escravatura ou quaisquer tipo de regras relacionadas com a religião e a sexualidade. A história da comunidade, recolhida por Daniel Defoe em "A General History of the Most Notorious Pirates" (1724), terminou com a sua destruição pelos nativos, que se aproveitaram dos deslizes de uma noite de excessos - durante a qual o navio comandado por Mission, o Victoire, se afundou - para surpreenderem os colonizadores. O Capitão ainda terá conseguido embarcar com destino à América; contudo, surpreendido por uma tempestade, o navio no qual seguia desapareceu no alto mar.

Concretização dos ideais utópicos, a história de Libertatia foi recuperada por William Burroughs no seu livro "O Fantasma de uma Oportunidade" (Teorema, Lisboa). Nele, o escritor norte-americano chama a atenção para um problema ecológico actual: a extinção dos lémures em Madagáscar, uma situação sobretudo provocada pela deflorestação da ilha. A criação de um Museu das Espécies Desaparecidas (MED), fundado por Mission, é também descrita por Burroughs na sua ficção: ali, os animais permaneceriam vivos em "dioramas dos seus habitats naturais", ou seja, a sua presença seria concretizada através de um espectáculo de ilusão óptica visto à distância e de um sítio escuro.

Os episódios protagonizados pelo Capitão Mission e a narrativa de Burroughs são o ponto de partida da exposição "Phantomatic", de Miguel Leal (Porto, 1967). Patente em vários espaços do Museu de Arte Contemporânea de Serralves (MACS), a mostra funciona como uma alegoria da ideia de utopia, das suas manifestações ao longo dos séculos, da sua actualidade. Em discussão recente promovida pela revista "Janus", o artista suíço Thomas Hirschhorn e o filósofo Marcus Steinweg abordam o conceito de utopia. O primeiro afirma que a utopia "só tem significado quando tento pô-la em prática e quando tenho a coragem de me render a um potencial falhanço e de não fugir quando confrontado com o medo do fracasso", enquanto o alemão nota que a filosofia não é sonhar acordado, ela "ajuda-nos antes a sonhar de forma diferente, a tornar-nos vulneráveis e assim abertos às possibilidades do novo". E acrescenta ser essa vulnerabilidade que faz da filosofia uma disciplina utópica: "Senão não seria filosofia."

No catálogo da exposição, o director do MACS, João Fernandes, pegando no exemplo do MED, escreve: "Um Museu transforma-se assim num Imaginário, cuja topologia é uma sucessão de imagens. Mais (ou menos...) do que uma utopia, o Museu converte-se deste modo numa a-topia, num não-lugar onde a preservação levanta curiosamente a questão ética da legitimidade ou veracidade do contexto de representação dessa mesma preservação." Num tempo em que os museus de arte contemporânea se têm vindo a transformar em locais de promoção do efémero, pondo de lado a sua função, essencial, de garantir a possibilidade de confronto permanente com a sua colecção, é curiosa a analogia que se pode estabelecer entre esta evidência e o diorama descrito por Burroughs, esse espectáculo de ilusão óptica.

A crítica do museu enquanto entidade condicionada por diversas circunstâncias económicas, sociais, culturais, políticas, etc.) tem sido uma das principais linhas de investigação desenvolvidas por Miguel Leal - recorde-se o seu Museu da Estratégia Moderna (MOMS), tal como o MED uma fabulosa ficção dividida em vários departamentos, entre eles o de Arte, que tem como objectivo projectar um museu "sem obras, sem programa e sem outra finalidade senão afirmar-se como uma alegoria à situação actual da arte".

Em "Phantomatic", as questões relacionadas com o museu surgem de forma mais subtil, até porque estamos no seu interior - talvez seja essa a razão pela qual dois dos trabalhos façam referência directa a espaços museológicos invisíveis (o som e a imagem das condutas situadas na zona da casa das máquinas do MACS - e aqui, a ideia de navio surge igualmente como uma possível analogia). A exposição vai, contudo, mais longe nas reflexões que procura colocar, das quais se podem destacar as relacionadas quer com as dicotomias real/ artificial e público/ privado, quer com a noção de comunidade. Por outro lado, o título da mostra remete para uma ideia de "mecânica fantasmática", que pode ser observada nas formas que a tecnologia tem de se reproduzir a si própria, assumindo assim uma espécie de auto-gestão.

Em "A Verdadeira Madagáscar", a peça central da exposição, Miguel Leal procura contrariar a retórica da interactividade através de um jogo com o espectador. Este, ao entrar na sala, acciona um sensor que faz mover uma série de plantas artificiais: todo o mecanismo é visível a olho nu e o resultado é, de certa forma, deceptivo para alguém à espera de outro género de acontecimentos. Nas paredes, emoldurados por uma espécie de escotilhas, os retratos dos 15 robôs que, num espaço contíguo, são protagonistas do vídeo "Phantomatic (ilha)" - as reacções das máquinas, que interagem segundo as funções para as quais foram programadas, podem ser vistas como uma metáfora das relações humanas. Curiosamente, num outro vídeo, "10 Mustafás Dentro de um Círculo", esqueletos de um brinquedo revelam uma autonomia, uma independência, impensável no caso dos robôs (registre-se a ausência destes do espaço expositivo).

Refira-se ainda que, em simultâneo com a mostra de Serralves, o artista propõe, na Galeria Marta Vidal, uma mostra com trabalhos que prolongam as suas investigações acerca das fantasmagorias ideológicas. "Histórias Catalépticas", título da exposição, reúne seis obras, das quais merecem especial referência "100 Ilhas Catalépticas" (2003) - onde as questões do único e do múltiplo se cruzam num trabalho de grande efeito visual -, as bandeiras de "Une Petite Révolution Cataléptique" (2002) - o título é paradoxal, pois a catalepsia é uma perturbação psicomotriz caracterizada pela imobilidade e inércia de todo o corpo - e a instalação sonora "William (I Know Where We Are)" (2003), que integra excertos de diálogos recolhidos de filmes de piratas.

"Phantomatic", de Miguel Leal

PORTO Museu de Arte Contemporânea de Serralves. R. de D. João de Castro. 3ª, 4ª. sex. e sáb., dom. e fer., das 10h às 19h, 5ª, das 10h às 22h. Tel.:226156500. Até 13 de Julho.

"Histórias Catalépticas", de Miguel Leal

PORTO Galeria Marta Vidal. Rua Professor Augusto Nobre, nº 451. Tel.: 226151353. De 2ª a sáb., das 15h às 19h30.

OUTROS TÍTULOS EM MIL FOLHAS

- Quando eles tocam as pessoas ouvem

ENTREVISTA

- "Deus e o sexo são os meus únicos transtornos"*
 - O mausoléu dos anões
- A África entra na História

CIBER-ESCRITAS

- Ciberescritas

PLANO GERAL

- Breves
- Livro da semana
- Lançamentos

FICÇÃO

- O mal absoluto, a distopia
- Uma história grotesca para quem ainda não perdeu o sentido de humor.

ENSAIOS

- Timor, na memória do futuro
- Soares ao pé das letras

CRÓNICA

- Em busca de uma escritora perdida
- A Quatro Mãos

- VALIA A PENA TRADUZIR
- Esse pássaro fluido

MÚSICA CLÁSSICA

- Ravel A herança clássica da perfeição
- Concertos
- Jordi Savall e arte da viola da gamba
- Dicionário
- Discos

ARTES PLÁSTICAS

- Miguel Leal Museu fantasma
- Antoni Muntadas Traduções do poder


ARQUITECTURA

- 9 silos experimentais para Lisboa

CORREIO DOS LEITORES

- Cartas dos Leitores

Compre livros na Amazon através dos "banners" do Público Online.

	Escreva aqui as palavras-chave... <input type="text"/> <input type="button" value="Pesquisar"/>
------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------

publico.pt publiconline última hora desporto guia do lazer bd cinecartaz tvzine
fotojornalismo calvin bartoon tempo serviço público copyright publicidade ficha
técnica

© 2000 PÚBLICO Comunicação Social, SA
Emails: Direcção Editorial - Webmaster - Publicidade